

Almanaque: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul

Alice T. C. Moreira

Por que dedicar tempo e recursos financeiros para preservar uma publicação simples, como o almanaque? Qual o retorno cultural de pesquisas em periódicos dotados de forte apelo popular e duvidoso valor literário?

Esta comunicação visa a responder questões desse tipo suscitadas quando se apresenta um projeto sobre o *Almanaque do Globo*, cujo objetivo principal é organizar um catálogo informatizado acoplado à imagens digitalizadas da coleção completa, hoje uma raridade. Tal pesquisa justifica-se porque, há alguns anos trabalhando com pesquisas que obrigam o rastreamento de periódicos, constatou-se que os almanaques constituem significativa fonte da história e da literatura sul-rio-grandense, além de ilustrarem um fenômeno muito estudado atualmente: a literatura de massa.

Estigmatizado pela expressão “cultura de almanaque”, esse gênero periodístico é o ancestral de espécies mais prestigiadas: o jornal e a revista e parente rejeitado da enciclopédia. Em contrapartida, é o mais pitoresco. Um almanaqueiro de Pelotas, no alvorecer do século XX, definiu o almanaque, como *uma arca de Noé em ponto pequeno, onde há de tudo para todos, e acrescenta: Sem grandes pretensões ele busca apenas, com uma modéstia tocante e simpática, tornar-se útil e quase sempre o consegue.*¹

¹ FERREIRA. *Almanaque de Pelotas*. Pelotas:Tipografia do Diário Popular, 1913, (142 p.). P 4.

Tratando o assunto com mais objetividade, a característica que especifica o almanaque como periódico é que ele obedece a regime anual de publicação, podendo ser editado por jornais, casas editoras, gráficas ou mesmo por particulares. Segundo os dicionários, é sinônimo de anuário, de repertório, e graves lexicógrafos alvitram uma provável etimologia árabe, copta ou hebraica para a palavra, registrando a presença de almanaques egípcios, dedicados ao estudo dos astros, já no século III. Colocam-no na estante da História e da Literatura e reduzem a poucas linhas sua definição: *Livro ou tábula com o calendário dos dias, semanas e meses do ano, festas religiosas, fases da Lua e outras indicações.*²

Com o decorrer dos séculos, o almanaque amplia suas funções, refletindo o universo sideral que procura captar e submeter à letra. Assim, as previsões astrológicas e informações sobre os astros e seus movimentos passam a dividir espaço com os santos do dia que invadem seu calendário. Isto explica porque o célebre *Almanach Perpetuum*, de Abraão Zacuto, inicialmente destinado àquelas finalidades, foi posteriormente aproveitado, como já o fora o *Almanach Perdurável para Achar os Verdadeiros Logares em os Signos*, presumivelmente de 1321, pelos pilotos do Infante D. Henrique que navegavam para “dilatar a fé e o império”. Justifica também a origem da topologia sagrada da costa brasileira e das demais terras portuguesas. Portanto, ancoradas na vida prática, ciência e magia aí convivem harmoniosamente com o sagrado, dando ainda, e conseqüentemente, lugar à literatura e à arte. Tudo isso e mais “outras indicações” afeiçoam o almanaque a cada época, constituindo-o um pequeno e fecundo repositório de todo tipo de saber.

Sua estrutura apresenta uma ordem bastante peculiar. Os conhecimentos históricos e científicos nesse tipo de publicação encontram-se entremeados por literatura, poesia e teatro, juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis. Lá está a árvore genealógica das famílias reinantes e principescas, com espaço para o registro da genealogia da família do leitor. Pode-se consultar horários, tarifas e percurso de linhas de transporte marítimo, trens e diligências e tudo sobre o serviço postal. Há receitas para limpar sapatos de cetim e fitas, para tirar o ringido dos sapatos de couro ou para conservar ovos. Registram efemérides e necrológicos, bem como os principais eventos do ano político, científico, artístico, esportivo e religioso. Informam horário das missas, dias em que é vedado oficial casamento religioso ou o número de toques de sino de cada igreja para indicar o local da ocor-

rência de incêndio. Pode-se ainda saber quantos povos bebem álcool, quantos fumam e a utilidade das máscaras. Trazem o funcionamento de ministérios e secretarias de governo com os titulares dos principais cargos; as últimas palavras de homens ilustres; provérbios e máximas. Ensinam a arte de casar, escolhendo a melhor mulher pela fisionomia, e a conhecer o caráter das pessoas pela forma das orelhas ou do nariz. Alertam para o pagamento de impostos e taxas, conservação da saúde e prática de esportes. Há menus e receitas culinárias; cartas geográficas do país ou de outras nações; sistemas monetários e câmbio; partituras de hinos e cantigas, bem como bilhetes de teatro como brinde.

Convivem com essa massa de textos a caricatura, o retrato e a fotografia; a banda desenhada e a história em quadrinhos (muda, com legenda ou com balões); anúncios de produtos de toda espécie, em lugares estratégicos, e respeitável seção de classificados com várias dezenas de páginas. A tecnologia nascente aí figura em artigos e imagens. A relação é inesgotável... e incontável como as estrelas.

As particularidades enumeradas acima foram destacadas de um conjunto de numerosas variantes – almanaques nacionais e estrangeiros –, cuja invariante é um arquétipo formado de aspectos mais gerais, subjacentes em todo almanaque, organizando sua estrutura básica e configurando a natureza plural desse gênero periodístico. É um universo dialético que anula diferenças, aí convivem elementos ideológicos opostos, constituindo propriamente um espaço democrático. Cultivado em muitos países, alcança seu período de maior popularidade entre o fim do século passado e meados do século atual, acompanhando o florescimento da imprensa e da indústria editorial, seu principal suporte. Muitos alcançam edições de milhares de exemplares, sobrevivendo, às vezes, durante décadas.

Dos almanaques compulsados para este trabalho, o mais antigo é o *Almanach Taborda* para o ano de 1869, de Lisboa, com tiragem de 12.000 exemplares. Em sua parte literária, privilegia o teatro em verso, publicando várias peças cômicas. Mais conhecido é o *Almanach Bertrand*, também de Lisboa, que surge em 1900 e adentra o século, mas os exemplares examinados não dão relevo à literatura. Ainda tratando dos europeus, o *Almanach Hachette* para 1898, que se autodenomina *Petite Encyclopédie Populaire*, com 716 páginas numeradas e mais uma série de 80 dedicadas às mensagens dos patrocinadores, segue a mesma linha do Bertrand.

Na extensa lista dos almanaques brasileiros, destacam-se o *Almanak Laemmert* (1900) e o *Almanaque Brasileiro Garnier*, ambos edi-

² ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Lisboa: Verbo, 1963. Pág. 1352.

tados por livreiros, ocupando espaços bem demarcados: apenas o Garnier se preocupa em divulgar textos literários ou sobre literatura, como o fragmento de uma tradução do *Prometeu* de Ésquilo. Tanto o *Almanaque da "Estrela do Sul"* (1924) como o *Almanaque da Revista Cultura* (1940), ambos de orientação religiosa, publicam narrativas e poemas, ocasionalmente de autor de renome. Contracenando com as publicações para adultos, o *Almanak da Revista Infantil* (RJ) para o ano de 1924, preservado pela Biblioteca Nacional, um brinde de Natal aos pequenos leitores da revista, apresenta com muito colorido narrativas ilustradas, poemas e canções, fotografias e quadrinhos, sem esquecer artigos de fundo moral, como *A Miséria dos Grandes Homens*, ou a tradicional sessão de horóscopos, sob o título *Destino dos nascidos em...* Todos são almanaques do centro do país e apresentam um padrão editorial elevado, no mesmo nível das publicações do velho mundo.

Surpreendente é, no entanto, o número e a qualidade dos almanaques rio-grandenses analisados. Guilhermino Cesar,³ que dedica em sua *História da literatura do Rio Grande do Sul* uma página aos almanaques, cita o *Almanaque da Vila de Porto Alegre – Com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul – por Manuel Antônio de Magalhães – 1808*. Publicado apenas em 1867, atém-se à crônica histórica. A referência aqui vale pela precocidade em relação aos demais, principalmente se se levar em conta que só com a vinda de D. João VI para o Brasil os brasileiros puderam utilizar uma máquina impressora. Por coincidência é um gaúcho, Hipólito José da Costa, também na mesma data, quem edita o primeiro jornal brasileiro, mas na Inglaterra, o *Correio Brasiliense* (1808-1822).

A grande fase inicia, contudo, no final do século passado, com o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (1885-1914), organizado pelo jornalista e historiador Alfredo Ferreira Rodrigues, com predomínio da informação histórica, inclusive história literária, mas há baixa frequência de textos literários propriamente ditos, embora os poucos autores publicados, ou citados, sejam nomes representativos da literatura da época, como Damasceno Vieira, Lobo da Costa e Simões Lopes Neto. A participação feminina é insignificante. Do mesmo ano, o *Anuário da Província* (depois *Estado*) do Rio Grande do Sul (1885-1914) foi dirigido pelo historiador e jornalista Graciano Alves de Azambuja, mostrando-se igualmente parcimonioso com a literatura. Os dois periódicos são, porém, muito importantes para definir o contexto das primeiras manifestações literárias do estado.

³ CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956. P. 138.

Vida breve mas fecunda tiveram o *Almanaque de Pelotas* e o *Almanaque Popular Brasileiro* (1894-1908), este organizado pelo editor e livreiro Echenique, da Livraria Universal – Pelotas e Porto Alegre, que deu maior realce à parte literária. Os vários volumes examinados, além de prosa literária e crítica, apresentam uma média de 50 poemas de autores consagrados, aqui e na Europa, ou de novos valores regionais que se afirmaram na atividade literária. É significativa a presença de autoras: Alice Moderno, Francisca Júlia e as gaúchas Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, entre outras.

Destacam-se por sua especificidade, o *Almanaque do Barão Erongte* (1912), do Rio de Janeiro, e dois almanaques em língua alemã, o *Koseritz Deutscher Volkskalender Für Die Provinz Rio Grande do Sul* (1874-1938), de Porto Alegre, e o *Kalender Für Die Deutschen in Brasilien* (1881-1941), de São Leopoldo (RS). O primeiro, como o *Almanaque Taborá* de Lisboa, é uma publicação individual, do poeta rio-grandense Múcio Teixeira, o Príncipe da Cabala, e tem caráter esotérico voltado às origens egípcias. O segundo, organizado por Carlos von Koseritz, intelectual com relevante participação no jornalismo e na vida literária, visava à preservação da história do patrimônio teuto daqui e a divulgação da literatura teuto-brasileira. O último, mais conhecido como *Almanaque Rotermund*, nome de seu organizador, tem como objetivo dar voz e vez para a literatura brasileira, já que a literatura teuto-brasileira é muito pobre, mas no anuário ela deverá encontrar sua casa, conforme cita Imgart Bonow.⁴

Um dos mais importantes foi o *Almanaque do Correio do Povo* (1916-1984). João Maia, no artigo "Literatura no Rio Grande" publicado no volume de lançamento, afirmava: *Não temos literatura do extremo Sul do Brasil. Temos literatos*. A linha editorial do velho "Róseo" incluía, no entanto, um projeto de incentivo cultural. Desde os últimos anos do século passado, poetas e escritores tornaram-se os colaboradores mais valiosos dessa empresa jornalística que, juntamente com a Livraria e Editora Globo, foram responsáveis pelo período mais fecundo das Letras rio-grandenses.

Resta, ainda falar do almanaque editado, em Porto Alegre, pela Livraria do Globo. É o único de todos os examinados que ostenta uma dupla direção, dois homens de Letras: João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi. Ambos são poetas, críticos literários e historiadores e asseguraram ao *Almanaque do Globo* (1917-1932) a incon-

⁴ BONOW, Imgart. *Onde o Sabiá Canta a Palmeira Farfalha: a poesia em língua alemã publicada nos anuários (1874-1941) sul-rio-grandenses*. Porto Alegre: PUCRS, 1991.

testável qualidade da organização da parte literária, sem perder aquelas características de veículo de comunicação de massa. A partir de 1933, sob outra direção, passa a denominar-se *Almanaque da Revista do Globo* (1933 – ...), aproximando-se mais da fisionomia da revista. Essa segunda fase ainda não foi elucidada inteiramente pela pesquisa, mas já permite afirmar, pelos dois volumes conhecidos, ter superado o modelo original. As empresas Livraria, Editora e Revista do Globo são uma caixa de surpresas... Recentemente localizou-se um volume de seu *Anuário da Revista do Globo* (1943), para dar continuidade a essa história sem fim.

O caráter coletivo desse gênero de publicação e seu formato, os mais antigos tinham a dimensão de um livro de bolso, determinam a limitada extensão dos textos, sejam eles narrativas, ensaios, documentos históricos ou poemas, estes sempre mais numerosos. Tudo é pequeno, mas não vulgar.

A estratégia editorial é montada de forma a que escritores de renome garantam a qualidade literária do periódico, compartilhando o espaço com autores desconhecidos, estreadores promissores ou colaboradores ocasionais. Assim, Camões, Herculano, João de Deus, Antero, Lamartine, Amado Nervo, Dumas Filho, Rostand, mestres russos e franceses do conto, juntamente com os brasileiros Vieira, Castro Alves, Coelho Neto, Teófilo Dias, Bilac, Machado, Mário de Andrade e Jorge de Lima estão ao lado dos autores que construíram nossa história literária, ocupando estes maior espaço. Sem esgotar a relação, há textos de Lobo da Costa, Fontoura Xavier, Marcelo Gama, Álvaro Moreyra, Zeferino Brazil, os irmãos Porto Alegre, Alfredo Ferreira Rodrigues, Escragnole Doria, Souza Lobo, Mário Quintana, Pedro Vergara, Raul Bopp, Vargas Neto e tantos outros que, por seu talento, destacaram-se dos demais e assumiram posição de relevo no meio literário. Na maioria dos almanaques, embora com menor incidência, registraram-se manifestações literárias femininas, como de Amália Figueiroa, Ibrantina Cordona, Ana Aurora Lisboa, as irmãs Melo, Vivita Cartier.

Coleções completas desses almanaques são raras, até mesmo as bibliotecas não as possuem. Ignorados pela história oficial, não publicados em livro, lá estão textos de autores famosos ou informações valiosas, à espera do pesquisador, a requererem mais atenção, não apenas na área beneditina da Erudição, da Crítica Textual ou da Crítica Genética, mas de outras disciplinas. Tais documentos podem ser utilizados como fonte para a História; como campo de

estudos da Sociologia da Literatura porque registram um estado de mundo; até mesmo como objeto de análise da Estética da Recepção, se for levado em conta que os almanaques atingiam leitores do ambiente rural e urbano – homens, mulheres e crianças – qualquer que fosse sua atividade ou situação econômica, correspondendo de maneira simples, e até mesmo ingênua, às mais variadas expectativas de leitura. Constitui, principalmente, uma fonte plural para a Historiografia literária: pela multiplicidade de autores que apresenta, pela diversidade dos discursos, gêneros literários e funções que desempenha e, finalmente, pela própria pluralidade do público-alvo.

Para encerrar, retomando a metáfora do almanaqueiro de Pelotas, e adaptando-a à linguagem atual, pode-se dizer que os almanaques criaram a mais completa interface, uma interface gráfica, onde o leitor/navegador tem a sua disposição, no mesmo livro e na mesma página, o texto e o contexto, podendo estabelecer, de imediato e simultaneamente, quantos pactos de leitura lhe aprouver. O ALMANAQUE, figurado outrora como uma Arca de Noé, configura-se hoje como tela de um microcomputador, janela para o universo virtual da literatura.